

Honneth e a pulsão: sobre as razões e as consequências para a crítica social da rejeição honnethiana à pulsão de morte freudiana

Mariana Pimentel Fisher Pacheco*

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia. São Paulo, SP, Brasil

Resumo: Axel Honneth associa sua leitura de Hegel à psicologia da maturação de Winnicott de modo a defender teses sobre intersubjetividade e reconhecimento. Esta articulação entre filosofia e psicanálise é objeto da crítica de dois hegelianos: Joel Whitebook, leitor de Freud, e Judith Butler, leitora crítica de Freud e Lacan. No centro da polêmica está a rejeição honnethiana ao trabalho do negativo realizado pela pulsão de morte freudiana. Pretendemos seguir o rastro deste debate e investigar as razões e consequências para a crítica social da recusa do frankfurtiano à pulsão.

Palavras-chave: reconhecimento, intersubjetividade, Escola de Frankfurt, pulsão, identidade.

Axel Honneth, atual diretor do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, foi assistente de Jürgen Habermas entre 1984 e 1990 e é figura central da terceira geração da teoria crítica. Honneth busca realizar uma reconstrução crítica da teoria habermasiana, que, segundo ele, teria negligenciado a vida psíquica, a corporeidade e as expectativas de sujeitos que se engajam em conflitos sociais. Tal intuito o leva a confrontar o problema da constituição do sujeito, enfrentado por meio de uma articulação entre sua leitura intersubjetivista de Hegel e a psicologia da maturação de Donald Winnicott. Por este caminho, nosso autor propõe pensar como experiências de desrespeito, assim como expectativas de autorrealização dos sujeitos, podem impulsionar lutas por reconhecimento, as quais carregam o potencial de gerar uma ampliação da liberdade.

A defesa honnethiana de tal conexão entre Hegel e Winnicott tem sido, entretanto, objeto de críticas de freudianos e lacanianos. Honneth (2010d) expressa com clareza a sua posição no debate em entrevista publicada em 2010. Segundo ele, a polêmica se deve a mal-entendidos. Tanto nosso autor como seus adversários acreditam que existem, no ser humano, forças de destruição da ordem. As divergências seriam sobre o lugar de origem dessas energias: freudianos e lacanianos defendem que derivam da pulsão de morte, já Honneth rejeita este conceito e sustenta que tais forças antissociais surgem no processo de separação entre mãe e bebê. O frankfurtiano (2010d) conclui (referindo-se a freudianos e lacanianos): “todos nós tentamos explicar o mesmo tipo de energias negativas com diferentes explicações” (p. 9). Por essa razão, diz ele: “as diferenças são menores do que aparentam ser” (p. 9).

Neste artigo buscaremos defender o contra-argumento. A nossa hipótese é que as divergências entre Honneth e seus adversários não derivam de simples mal-entendidos, mas de diferenças teóricas profundas, cujas consequências são de grande relevância para a crítica

social. No centro da polêmica está a rejeição honnethiana ao trabalho do negativo realizado pela pulsão de morte freudiana. Deveremos investigar as razões e as consequências de tal recusa e, para tanto, seguiremos de perto debates entre Honneth e dois hegelianos: Joel Whitebook, leitor de Freud, e Judith Butler, leitora crítica de Freud e Lacan¹. Como o frankfurtiano lê Freud? A insistência em defender uma leitura intersubjetivista de Hegel o teria impedido de perceber aspectos produtivos para a crítica social em experiências ligadas à pulsão de morte? Teria a rejeição ao trabalho do negativo realizado pela pulsão levado Honneth a construir uma teoria que não consegue escapar por completo de fixações identitárias?

Para dar início a nossa investigação devemos retomar os trabalhos de Honneth da década de 1980, nos quais nosso autor delinea as primeiras linhas de seu projeto crítico. Honneth (1990) escreve, nesse contexto, sobre a primeira geração da Escola de Frankfurt e contrapõe um círculo interno, composto por Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse, a um círculo externo que incluiria autores como Walter Benjamin, Franz Neumann e Erich Fromm. Segundo nosso autor, os integrantes do círculo interno, que dominaram o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt em seus primeiros anos, permaneceram presos a um funcionalismo, isto é, eles apenas enxergavam a ação realizada em diversos campos sociais (como na família ou no direito) em sua função de imposição de um modo de dominação. Os integrantes do círculo externo foram, contudo, mais sensíveis ao potencial da ação social de produzir transformações significativas em diversas esferas, por isso, de acordo com Honneth, se eles tivessem sido levados mais a sério, a primeira geração teria encontrado respostas mais interessantes para seus dilemas.

Podemos apontar já aqui uma primeira pista para a compreensão da maneira honnethiana de ler a psicanálise.

* Endereço para correspondência: marianafisch@gmail.com

1 Apesar de Butler ser uma leitora crítica da psicanálise, neste trabalho enfatizaremos as ideias que compartilha com Freud e Lacan.

A crítica ao funcionalismo de Adorno e Marcuse, leitores de Freud, caminha lado a lado com a suspeita referente a uma psicanálise de orientação estrutural: de acordo com Honneth, haveria um excesso psicanalítico e um déficit sociológico no trabalho desses autores da primeira geração. Nosso autor prefere vertentes da psicanálise mais próximas a um empirismo. Associa, assim, sua teoria ao interacionismo de Fromm, bem como à psicologia da maturação de Winnicott e, mais recentemente, à psicologia desenvolvimentista de norte-americanos, como Daniel Stern (Honneth, 1989; 1990; 2003b; 2010c).

Segundo Honneth (1990), Habermas pôde abarcar os impulsos antifuncionalistas dos membros do círculo externo e, por isso, foi capaz de formular uma teoria apta a restaurar aspectos emancipatórios da ação social. A base de tal recuperação reside nas ideias habermasianas sobre intersubjetividade linguística: em vez de concentrar-se apenas em seu papel instrumental (isto é, em sua função de reprodução de um modo de dominação), Habermas acentua o potencial da linguagem de conectar sujeitos, de possibilitar a comunicação.

Nosso autor pretende dar continuidade ao projeto habermasiano de realização de uma crítica imanente (ou seja, uma crítica que busca mobilizar o aspecto transformador de normas existentes em nossa forma de vida), a qual segue o caminho da intersubjetividade². Entretanto, insiste que, para isso, é preciso superar um déficit sociológico que também detecta na teoria habermasiana (Honneth, 1989).

As deficiências da segunda geração da Escola de Frankfurt não são, todavia, as mesmas que as do círculo interno da primeira geração. Habermas pretende reconstruir as condições de possibilidades de práticas de entendimento e, a partir dessa ideia, estabelece a hipótese contrafática de uma situação discursiva ideal (em que haveria acesso universal, simetria entre os participantes, sinceridade e busca pelo entendimento mútuo), a qual deve atuar como parâmetro para uma comunicação não distorcida. Este seria um critério formal com pretensões universalistas e de neutralidade com relação a contextos (Habermas, 1992). Para Honneth (1989, 2003b), justamente em razão de tal busca por não contaminação contextual, Habermas teria formulado uma teoria incapaz de dar conta do psiquismo, da corporeidade, de valores e expectativas de sujeitos que atuam em lutas sociais (cf. Petherbridge, 2011).

É o ímpeto de superação de tal déficit que o leva a enfrentar o problema da constituição do sujeito e a associar Hegel e Winnicott. Nosso autor pretende fornecer, assim, um sentido original a ideias sobre intersubjetividade que já estavam presentes em Habermas.

Honneth (2003a) empenha-se em manter um jogo dialético entre transcendência e imanência: entre pressupostos filosóficos e material empírico, advindo da clínica e da psicologia social (cf. Petherbridge, 2011). A conexão

entre filosofia, crítica social e psicanálise, de acordo com o frankfurtiano, é necessária, pois processos sociais apenas se permitem explicar adequadamente se “além da articulação linguística dos sujeitos, eles são também conceitualizados como resultado de ações nas quais é cristalizado o movimento de pulsões inconscientes ou necessidades de ligação do sujeito” (2010b, p. 254). Honneth afirma, desse modo, a importância tanto de linhagens intersubjetivistas (que enfatizam a ligação entre bebê e mãe) como freudianas (assentadas em pulsões) da psicanálise; não deixa de ressaltar, todavia, sua preferência pela primeira vertente.

Muito embora constantemente faça referências a Freud, como já dissemos, Honneth rejeita teses centrais freudianas, principalmente a teoria das pulsões. Dissemos também que as razões de tal rejeição estão ligadas à maneira pela qual o frankfurtiano lê Hegel. Modo de ler marcado pelo legado intersubjetivista que recebe de seu professor kantiano, Habermas. Como, então, Honneth lê Hegel? Por que razão a apropriação honnethiana de Hegel o leva a aproximar-se de Winnicott e a rejeitar a teoria das pulsões freudiana?

Em seus trabalhos iniciais, Honneth concentra sua leitura nos escritos de juventude de Hegel, mais recentemente, entretanto, passa a focar a *Fenomenologia do Espírito* e na *Filosofia do Direito*.

Em *Do desejo ao reconhecimento: os fundamentos hegelianos da consciência-de-si* (2010e), publicado originalmente em 2008, o frankfurtiano expõe sua interpretação, bastante particular, da *Fenomenologia do Espírito*, a qual propõe caminhar do desejo em direção ao amor.

Honneth escreve que, segundo Hegel, o sujeito, concebido como um ser natural, busca confirmar sua certeza de que é capaz de destruir o resto da natureza pelo consumo de seus objetos em um movimento de satisfação do desejo (*Begierde*). A existência de objetos independentes é provada pelo fato de que, apesar dos atos de destruição, o processo da vida continua a existir. Honneth enxerga, neste ponto, semelhanças entre Hegel e Winnicott: ambos defenderiam que, através de impulsos de consumo do ambiente, o sujeito tenta adquirir a certeza de que a realidade não é apenas um produto de sua atividade mental.

As ideias do frankfurtiano estão, sobretudo, centradas em sua interpretação do seguinte parágrafo da *Fenomenologia do Espírito* (2004):

Em razão da independência do objeto, a consciência-de-si só pode alcançar satisfação quando esse objeto leva a cabo a negação de si mesmo, nela; e deve levar a cabo em si tal negação de si mesmo, pois é em si o negativo, e deve ser para o Outro o que ele é. (Hegel, 2004, p. 124)

Honneth recusa a interpretação de Alexandre Kojève (recepcionada por pensadores franceses como Lacan), que escreve sobre um desejo de reconhecimento, assim como a leitura de Hans-Georg Gadamer (tomada por Whitebook), que lembra que a palavra alemã *Begierde*,

2 No debate com Nancy Fraser, Honneth (2003a) deixa claro que sua teoria pode ser compreendida como um posterior desenvolvimento do projeto teórico habermasiano.

utilizada por Hegel para referir-se a desejo, tem uma forte conotação carnal (poderia, por isso, ser traduzida para o português como “apetite”).

Reconhecimento, para o Hegel de Honneth (2010e), diz respeito aos meios sociais os quais permitem ao sujeito satisfazer seu desejo de que sua atividade de modificação da realidade seja experienciada. Este desejo só pode ser satisfeito se o sujeito encontrar algo na realidade que realize um ato de negação sobre ele (quer dizer, outro sujeito) e se o próprio sujeito realizar a mesma negação sobre si. Eis os fundamentos do paradigma da intersubjetividade honnethiana: no encontro entre dois sujeitos, ego e alter reagem (este ato de reação não é, como em Kant, uma decisão racional) um ao outro pela restrição de seus desejos de dominação de tal maneira que eles podem vir a se encontrar sem o propósito de consumo.

Honneth (2010e) conclui que, nesse processo, reside um germe de moralidade:

A possibilidade da consciência-de-si requer um tipo de proto-moralidade, pois apenas na autolimitação moral do outro podemos reconhecer a atividade na qual nosso próprio *self* instantaneamente efetua uma mudança permanente no mundo e até mesmo produz realidade. (p. 89)

Essa ideia é fundamental para a construção do conceito de liberdade intersubjetiva, central em seu livro mais recente, *O Direito da Liberdade* (2011). Nosso autor defende que, ao investigar relações amorosas, Hegel teria desenvolvido o fator nuclear do reconhecimento: “a ideia de que o reconhecimento mútuo é um tipo de autolimitação recíproca e que nesta autolimitação você se mantém não apenas livre, mas você pode se tornar ainda mais livre do que se não tivesse passado por esta experiência” (Honneth, 2013a, p. 247).

Devemos insistir que as ideias de intersubjetividade e de autolimitação recíproca, alicerces da teoria honnethiana, determinam a forma que nosso autor lê a psicanálise. Para compreender melhor esta questão devemos retomar os seus trabalhos da década de 1990. Em *Luta por Reconhecimento* (2003b), Honneth já defendia que a complementação empírica de sua leitura de Hegel (especificamente, aqui, dos escritos de juventude) deveria vir de Winnicott. O frankfurtiano escreve, neste trabalho, que, para o psicanalista inglês, logo após o nascimento, bebê e mãe (ou outra figura significativa) conformam uma dinâmica de dependência absoluta (ou, nas palavras do filósofo, de simbiose), dependem inteiramente um do outro para a satisfação de suas carências³. Com o tempo, entretanto, a mãe volta a dirigir sua atenção à vida social e não mais responde imediatamente às demandas do bebê. A partir

de então, inicia-se o estágio de independência relativa. A agressividade humana surge, para nosso autor, nessa relação intersubjetiva: “a partir da percepção gradual de uma realidade resistente ao domínio, o bebê desenvolve rapidamente uma disposição para atos agressivos, primariamente dirigidos à mãe, percebida agora também como ser independente” (2003b, p. 162). Honneth crê que, tal como em sua leitura de Hegel, atos de destruição são, para Winnicott, a maneira pela qual o bebê testa se está diante de um mundo que não se submete ao seu controle. Se a mãe frustrar suficientemente tais atos, o bebê aprenderá que existem ao seu lado seres humanos independentes. Será capaz de amar outros seres autônomos.

É crucial compreendermos que o frankfurtiano defende que há, desde o início, intersubjetividade. Honneth (2010c) utiliza, em 2001, pesquisas experimentais de Daniel Stern (que, segundo ele, podem complementar a teoria winnicottiana) para sustentar esta ideia⁴. Stern teria demonstrado que estados de fusão (isto é, de unidade entre o *self* e o mundo) são sempre intermitentes, pois o bebê, ainda nas primeiras semanas, possui uma capacidade rudimentar de distinguir o *self* e o outro. Já nesse período, experiências de fusão seriam, portanto, interrompidas por um germe de autolimitação recíproca.

As críticas de Whitebook estão focadas justamente na defesa honnethiana de tal sociabilidade inata e na decorrente tese da origem intersubjetiva da negatividade no sujeito. O psicanalista articula a interpretação gadameriana de Hegel (que, como dito, enfatiza a conotação carnal da palavra alemã *Begierde*) à noção freudiana de pulsão de morte (que se dirige à recondução do organismo vivo a um estado inorgânico) e defende que há uma potência primária de negatividade no sujeito, de origem biológica, a qual precede relações intersubjetivas (cf. Whitebook 2001, 2003, 2008; Busch, 2003; Bedorf, 2004). Whitebook conclui: “inicialmente, a consciência-de-si não se dirige a outra consciência-de-si por conta da intersubjetividade ou da sociabilidade inata, mas porque é compelida pela lógica interna de seu programa narcísico” (Whitebook, 2001, p. 269). Judith Butler (2008), apesar de não compartilhar da mesma compreensão da biologia, dirige a Honneth objeção semelhante: “Não parece correto exigir que um *infant* seja completamente responsivo à alteridade. Ou também não parece correto encontrar uma estrutura incipiente de moralidade no esforço do *infant* assegurar suas necessidades primárias” (p. 114).

Whitebook (2001) afirma que a teoria freudiana das pulsões é de fundamental importância para a crítica social, pois tais energias primárias, além de serem forças de desmonte de instituições estabelecidas, carregam um potencial de criação.

3 Winnicott (1963/1990) escreve sobre “dependência absoluta” para se referir à posição do bebê e sobre “preocupação primária materna” para tratar da mãe. Cuida, neste último caso, de um estágio de dependência materna ou um modo de preocupação da mãe em que o bebê “inicialmente aparenta ser parte dela” (p. 85).

4 Butler (2008) faz uma forte crítica aos pressupostos metodológicos que determinam a aproximação honnethiana de Stern e, de um modo geral, da psicologia desenvolvimentista norte-americana. De acordo com a filósofa, o frankfurtiano simplesmente escolhe associar-se a vertentes da psicologia que confirmam os pressupostos de sua teoria, sem realizar um trabalho suficientemente cuidadoso de confronto entre diversas correntes.

Em resposta a Whitebook, Honneth realiza ajustes (enfazamos que são apenas ajustes, pois o frankfurtiano não revê o núcleo central intersubjetivista de sua teoria) nos argumentos apresentados em *Luta por Reconhecimento*. Insiste que defender a existência, desde o início, de intersubjetividade não implica deixar de lado a agressividade e as lutas contra formas estabelecidas de reconhecimento. O trabalho do negativo seria importante tanto para freudianos como para intersubjetivistas. Haveria, no entanto, de acordo com o frankfurtiano, um pressuposto frágil na teoria freudiana: a crença de que forças de negatividade derivam de uma pulsão de origem biológica e não intersubjetiva (ou social). Tal suposição teria fornecido à psicanálise freudiana uma forte carga metafísica. Em razão disso, para Honneth, a saída há de ser encontrada em versões da psicanálise alinhadas a um intersubjetivismo.

Nesse tom, em trabalhos recentes, o frankfurtiano alarga sua leitura inicial de Winnicott de modo a formular o conceito de afeto antissocial. Tal afeto derivaria do processo (sempre inacabado) de superação da fase de simbiose e constituiria uma força que impele o sujeito a rebelar-se em situações em que não tem o outro a sua disposição. Estaria aí (não na pulsão de morte) a raiz do impulso de revolta contra formas estabelecidas de reconhecimento: “a permanência das lutas por reconhecimento não surge de uma pulsão não socializável, mas de uma busca por independência que leva cada sujeito a negar repetidamente a diferença do outro” (Honneth, 2003b, p. 315). O conceito de afeto antissocial poderia, então, exercer uma função análoga àquela da pulsão de morte sem carregar o peso metafísico que o filósofo acredita que o conceito freudiano possui (cf. Honneth, 2003b, 2003c, 2010b, 2010c, 2010d).

Para dar conta do potencial criativo no sujeito sem recorrer à teoria das pulsões, Honneth (2003c) recruta o psicanalista Hans Loewald. Este último sustenta que o sempre incompleto movimento de superação da fase de simbiose gera formas de contato com alternativas que foram excluídas do controle do “eu”, mas que continuam vivas e podem impulsionar transformações criativas na identidade. O sujeito maduro seria capaz de acessar possibilidades inicialmente recusadas por meio de uma regressão racionalmente controlada e, desse modo, trazê-las ao diálogo⁵. Sobre esse processo, Honneth (2003c) afirma que: “em circunstâncias ideais, a psique humana deve ser compreendida como um contexto de interação deslocado para dentro, o qual se relaciona de modo complementar com o mundo da vida” (p. 159).

Nosso autor parece, dessa maneira, buscar transpor o modelo comunicativo habermasiano do campo social para o campo psíquico. Não apenas em sua leitura de Loewald, o mesmo intuito pode ser detectado em sua interpretação da teoria freudiana. Em *Apropriação da liberdade* (2007a) afirma, de modo polêmico: “Freud parece querer sugerir que o processo hermenêutico de abertura toma uma forma que carrega traços de um diálogo interno” (p. 174).

5 Loewald (1960/2000) escreve: “novos saltos no desenvolvimento do *self* podem estar intimamente ligados com redescobertas regressivas do sujeito” (p. 225). Ver também Whitebook (2004).

O frankfurtiano escreve ainda, referindo-se a Freud (2007a):

Ele frequentemente usa metáforas do mundo político para esquematizar a ideia de que as instâncias psíquicas deveriam, se possível, manter entre elas uma relação de troca e comércio. Neste processo comunicativo, o supereu toma o controle ao colocar em “inibições, sintomas e angústia” a voz da crítica “ética e estética” enquanto a tarefa de tematizar a necessidade de ajustes com a realidade recai sobre o “eu”. São racionais, no sentido de integrabilidade, todos os anseios e crenças que são aprovados pelo procedimento de teste dialógico destas duas instâncias. (p. 174)

Honneth aponta para um potencial comunicativo entre “eu”, “supereu” e “isso”. Ideia que dificilmente é aceita por freudianos. Whitebook (2001), por exemplo, afirma ser um equívoco falar em diálogo entre instâncias psíquicas, já que esta forma de explicar acentua “moderação, não-violência e simetria” (p. 280). O termo “polêmica” forneceria, segundo o psicanalista, uma descrição mais precisa.

A associação com Loewald tem ainda outras vantagens para o projeto crítico honnethiano. Segundo nosso autor, as ideias defendidas por Loewald sobre um potencial de criação de novas identidades com base no diálogo entre o “eu” e aquilo que lhe foi anteriormente excluído pode ser associada a convicções normativas vigentes no tempo atual sobre identidades plurais, isto é, a crença, hoje amplamente difundida, de que não necessitamos seguir o caminho determinado por gerações anteriores, temos liberdade para descobrir o que queremos ser por meio da vivência de diversas identidades. Tal conexão pode, segundo Honneth, fornecer embasamento à defesa do ideal normativo pós-moderno de identidades múltiplas.

Como já mencionado, nosso autor sustenta que a ação de forças de destruição da ordem é importante tanto para freudianos e lacanianos como para intersubjetivistas e que, por esta razão, os desacordos entre estas vertentes da psicanálise, no final das contas, não teriam consequências de grande relevância. Devemos, contudo, insistir em nosso questionamento. Seriam as diferenças entre freudianos e intersubjetivistas, de fato, pouco relevantes? Ao rejeitar a pulsão de morte, Honneth não teria deixado de lado justamente a dimensão da teoria psicanalítica que carrega o potencial mais profundamente crítico?

Decerto são constantes as objeções à metafísica por trás do argumento freudiano (1920/2010) de que a pulsão de morte consiste em uma força de origem biológica que impulsiona o retorno a um estado inorgânico. Atentar para este ponto não deve, todavia, levar a uma rejeição rápida à teoria das pulsões.

É possível retirar a ênfase na biologia freudiana se lembrarmos, com Jean Laplanche (1985), que a teoria das pulsões é, durante toda a trajetória de Freud, confrontada com a experiência clínica e a partir dela muitas vezes reformulada (cf. Freud, 1905/1999, 1915/1999, 1914/2010,

1919/2010b, 1920/2010, 1924/2011). A pulsão de morte se manifesta na compulsão à repetição, isto é: “casos em que o indivíduo parece vivenciar passivamente algo que está fora de sua influência, quando ele apenas vivencia, de fato, a repetição do mesmo” (Freud, 1920/2010, p. 134). Freud (1920/2010) fornece o exemplo de uma mulher que se casou por três vezes seguidas com homens que rapidamente adoeciam e exigiam seus cuidados antes de morrer. Na clínica, a compulsão à repetição se manifesta, sobretudo, na transferência: o analisante reproduz o reprimido na relação com o psicanalista. A recorrência clínica de fenômenos transferenciais (e não as ideias freudianas sobre biologia) é, segundo Laplanche (1985), a maior prova da força da pulsão de morte.

Aceitar a pulsão de morte não implica, portanto, cair necessariamente em uma armadilha biologicista ou metafísica. Além disso, devemos investigar a possibilidade de que a rejeição a este conceito tenha provocado perdas que não foram suficientemente consideradas por Honneth. Para tanto, é importante atentarmos para o fato de que sempre que se refere à pulsão de morte, Honneth a associa à agressividade e à destruição e é tendo em conta esta sua função que busca substituí-la pelo afeto antissocial. Poderíamos dizer o mesmo de Freud? Encontraríamos nos trabalhos do psicanalista indicações de que a pulsão de morte gera algo que não é apenas agressão? Haveria um aspecto produtivo no trabalho do negativo realizado pela pulsão, o qual pode ter sido negligenciado por Honneth?⁶

Há sempre algo além do dizível. Mais ainda, para Freud, há algo que, inadvertidamente, pode dirigir a fala e a ação do sujeito sem que este se dê conta. Nesse sentido, Freud (1919/2010a) conecta a pulsão de morte àquilo na compulsão à repetição que provoca estranhamento ou inquietação: “as considerações anteriores nos levam a crer que será percebido como inquietante aquilo que pode lembrar essa compulsão de repetição interior” (p. 356).

Freud investiga experiências de estranhamento, sobretudo, em *O inquietante* (1919/2010a), tradução para o português de *Das Unheimlich*. A palavra alemã permite a associação com ideias como familiar-oculto ou estranho-familiar. Trata-se de um estranhamento com relação a alguma coisa muito próxima, algo que pode se referir tanto ao sujeito como àquilo que há de inassimilável no objeto. Sobre tal sensação, Freud escreve: “são observados em duas formas: ou uma fração da realidade nos parece estranha, ou uma fração do próprio Eu. Nesse último caso, fala-se de despersonalização; estranhamentos e despersonalizações são intimamente relacionados” (p. 258).

Freud (1919/2010a) conta que, certa vez, ao caminhar em uma pequena cidade italiana chegou a uma rua repleta de casas de prostituição. Buscou, imediatamente, afastar-se do local. Supreendentemente, o seu empenho em distanciar-se, sem que pudesse perceber, levou-o a retornar

àquela mesma rua. É como se algo alheio à sua consciência tivesse dirigido os seus passos e conduzido o retorno ao lugar do qual queria escapar. Estranhamento e despersonalização se referem a experiências como esta, em que o sujeito percebe-se como outro.

Honneth (2010a), por seu turno, esforça-se para investigar possíveis desdobramentos das ideias de Winnicott e argumenta que intersubjetividade em grupos é capaz de dissolver as fronteiras entre realidade interna e externa. Escreve, então, sobre momentos de fusão e abandono temporário do “eu” em “experiências extáticas cooperativas” (p. 274), como na participação em uma massa em celebração em estádios de futebol ou em concertos de rock.

Há, no entanto, que se compreender as diferenças entre estas experiências e o desafiador estranhamento freudiano. Os exemplos de fusão intersubjetiva evocam um tipo de clímax coletivo e não inquietação ou estranhamento. Lembremos também que o frankfurtiano, leitor de Loewald, escreve sobre uma regressão racionalmente controlada a estados de fusão. A divergência fica clara se observarmos que o excluído do “eu”, para Freud, não é algo ao qual o sujeito pode regredir controladamente, é sim alguma coisa que se impõe: age sem que o sujeito possa controlar e, precisamente por isso, é capaz de gerar estranhamento. Ao enfatizar a existência de um processo de regressão racionalmente controlada, Honneth parece não considerar o potencial produtivo de experiências de alijamento de si que, como ensinam pós-freudianos como Lacan, envolvem riscos e põem em xeque tentativas de domínio.

Devemos lembrar que Lacan conecta o estranhamento freudiano à angústia. Angústia, para o psicanalista, é aquilo que aparece no lugar da falta (compreendida, em chave kojéviana, como negatividade do desejo⁷), pois “não existe imagem da falta”⁸ (Lacan, 2005, p. 51). A angústia é aquilo que faz o que é fixo vacilar, faz que as imagens do mundo se dissolvam. Tal despedaçamento é efeito do trabalho do negativo e pode abrir espaço para transformações profundas no sujeito.

Butler (2004), cujas ideias, nesse ponto, estão alinhadas às teses lacanianas e à recepção francesa de Hegel, escreve: “é em um momento de vulnerabilidade fundamental que o reconhecimento torna-se possível” (p. 149). A filósofa norte-americana insiste que abertura à alteridade ocorre por meio de uma recusa à identidade. Experiências de estranhamento mostram que o sujeito é outro com relação à imagem que tem de si, por essa razão, podem dar

6 Sobre a negligência honnethiana à produtividade do trabalho do negativo ver também o artigo “Abaixo de Zero” de Vladimir Safatle (2013).

7 Diversamente de Honneth, Kojève (2002) lê Hegel de modo a conectar desejo (e não amor) a negatividade no sujeito: “Esse Eu, que se alimenta de desejos, será ele mesmo desejo em seu próprio Ser, criado na e pela satisfação de seu desejo. E já que o desejo se realiza como ação negadora do dado, o próprio Ser desse Eu será ação. Esse Eu não será, como o “Eu” animal, identidade ou igualdade consigo, mas negatividade-negadora” (p. 12). O desejo é, para Kojève, “antropogênico” (p. 13) e é a partir dele que ocorre o processo de socialização.

8 Sobre a angústia e o inquietante freudiano, Lacan (2005) afirma: “mas se, de repente, faltar toda e qualquer norma, isto é, tanto o que constitui a anomalia quanto o que constitui a falta, se esta de repente não faltar, é nesse momento que começará a angústia” (p. 52).

o impulso para que se coloque em uma relação arriscada, radical e irreversível com alteridade.

Honneth sabe que as sociedades modernas e ocidentais produzem não apenas princípios normativos ligados à ampliação da liberdade intersubjetiva, mas também geram exclusões. Está ciente, ainda, de que há um potencial produtivo naquilo que é excluído e, por essa razão, insiste que o sofrimento pode ser o motor de novas demandas e, desse modo, provocar mudanças sociais. A teoria do frankfurtiano parece, contudo, não dar conta da produtividade de um tipo específico de exclusão: refiro-me aos efeitos daquilo que é expulso (ou foracluído) de uma ordem simbólica.

As investigações freudianas sobre pulsão de morte revelam que o inassimilável pelo simbólico gera compulsão à repetição e estranhamento. Levam, assim, o sujeito a confrontar o vazio. Este confronto, profundamente desestabilizador, está ligado a um trabalho do negativo, o qual é capaz de limpar o terreno para que algo realmente novo possa se insurgir⁹.

A pulsão de morte carrega o potencial de produzir uma ruptura com relações estabelecidas a partir de identidades constituídas com base em um “ponto de partida estrutural” (em linguagem lacaniana, a partir de uma estrutura fantasmática) que determina a maneira pela qual o sujeito fornece valores e significados aos objetos do mundo. Experiências de estranhamento permitem que o sujeito perceba que está para além daquilo que o representa no interior de uma ordem simbólica (em linguagem lacaniana, isso quer dizer que o sujeito não se reduz à ordem do significante, há nele algo do Real).

Atenta ao potencial político destas experiências¹⁰, Butler escreve sobre a importância de se manter “não-inteligível”. Trata-se de recusar identidades determinadas por normas sociais. A crítica à norma há de vir, então, de um

modo de suspendê-las ou de dispensar reconhecimento nos termos estabelecido por elas. É por esta razão que Butler (1999) enfatiza a importância de experiências impensáveis, monstruosas, experiências que evocam imagens em dissolução. Ela se interessa pelo que chama de abjeto, isto é, pela presença, sob a forma de dejetos, daquilo que foi excluído (ou foracluído) do campo do simbólico.

Honneth ressalta o papel de expectativas de autor-realização dos sujeitos e imagens que têm de uma vida boa para a crítica social e, nesse tom, utiliza a psicanálise de Loewald para defender a multiplicidade de identidades. Butler, tal como Honneth, tem em conta a relevância de lutas sociais e, do mesmo modo, não deixa de considerar o papel de identidades para a sua articulação. Diferentemente do frankfurtiano, todavia, a norte-americana enfatiza o fato de que estas demandas identitárias podem acabar por se tornar também fatores de exclusão. Insiste, por isso, na relevância política de um ato de recusa da identidade. Para ela, trata-se de desfazer (*undo*) daquilo que, em uma forma de vida, acreditamos ser e esperamos ser, para que, então, possamos nos arriscar e talvez alcançar um reconhecimento em outros termos. Butler (1993) afirma:

Embora os discursos políticos que mobilizam categorias identitárias tendam a cultivar identificações em defesa de um objetivo político, pode ser que a persistência de desidentificações sejam igualmente cruciais para a rearticulação de contestações democráticas. (p. 4)

Não podemos negligenciar o papel da teoria do reconhecimento honnethiana: o frankfurtiano dá um passo fundamental ao situar o sujeito e a teoria psicanalítica no cerne da crítica. Parece-nos, contudo, que ele não avança suficientemente. Butler (2008) escreve que justamente por não dar conta da “alteridade no coração do sujeito” (p. 113), a versão intersubjetivista e empirista da psicanálise defendida por Honneth é incapaz de distinguir com suficiente nitidez imagens doadas a outro ser humano pelo “eu” e formas de relação com outro em sentido radical.

⁹ Sobre essa questão ver também Safatle (2007, 2008).

¹⁰ Em *Ansiando reconhecimento*, Butler (2004) examina cuidadosamente esta questão e mostra a diferença entre um ponto de vista “inclusivista”, o qual defende que o *self* há de incluir a alteridade, e leituras de Hegel que defendem que o sujeito é sempre outro com relação a si mesmo. Insiste, assim, que o sujeito não é um contêiner capaz de incluir outro, ele é esta relação com o outro.

Honneth and the drive: On the reasons and consequences for social critique of Honneth’s rejection of Freudian death drive

Abstract: Axel Honneth associates his reading of Hegel with Winnicott’s maturational development theory, in order to defend theses on intersubjectivity and recognition. That connection between philosophy and psychoanalysis is a target of criticism from two Hegelians: Joel Whitebook, a reader of Freud, and Judith Butler, a critical reader of Freud and Lacan. At the core of the controversy is Honneth’s rejection of the work of the negative that is performed by Freud’s death drive. We intend on following in the wake of that debate, and thus investigate the reasons and consequences for social criticism of Honneth’s rejection of Freud’s death drive.

Keywords: recognition, intersubjectivity, Frankfurt School, drive, identity.

Honneth et la pulsion: sur les raisons et conséquences pour la critique sociale du refus de honnethienne à la pulsión de mort freudienne

Résumé: Axel Honneth associe sa lecture de Hegel à la psychologie de la maturation de Winnicott afin de défendre ses thèses sur l’intersubjectivité et la reconnaissance. Cette articulation entre la philosophie et la psychanalyse est l’objet des critiques de

deux hégéliens, Joel Whitebook, lecteur de Freud, et Judith Butler, lectrice critique de Freud et Lacan. Au centre de la polémique on trouve le rejet honnethien au travail du négatif accompli par la pulsion de mort freudienne. Nous avons l'intention, à la suite de ce débat, d'investiguer les raisons et conséquences pour la critique sociale du refus frankfurtien à la pulsion.

Mots-clés: reconnaissance, intersubjectivité, École de Francfort, pulsion, identité.

Honneth y la pulsión: sobre las razones y las consecuencias para la crítica social del rechazo honnethiano a la pulsión de muerte freudiana

Resumen: Axel Honneth asocia su lectura de Hegel con la psicología de maduración de Winnicott para defender tesis sobre la intersubjetividad y el reconocimiento. Este vínculo entre la filosofía y el psicoanálisis es el objeto de crítica de dos autores hegelianos: Joel Whitebook, lector de Freud, y Judith Butler, lectora crítica de Freud y Lacan. En el centro de la polémica se encuentra el rechazo de Honneth al trabajo del negativo de la pulsión de muerte freudiana. En este artículo se pretende dar lugar a este debate e investigar las razones y las consecuencias para la crítica social del rechazo honnethiano a la pulsión.

Palabras clave: reconocimiento, intersubjetividad, Escuela de Frankfurt, pulsión, identidad.

Referências

- Bedorf, T. (2004). Zu zweit oder zu dritt? Intersubjektivität, (Anti-) Sozialität und die Whitebook-Honneth-Kontroverse. *Psyche*, 58(1), 1-19. Recuperado de <http://www.klett-cotta.de/zeitschrift/PSYCHE/7820>
- Busch, H.-J. (2003). Intersubjektivität als Kampf und die Anerkennung des nicht-intersubjektiven. Kommentar zur Honneth-Whitebook-Kontroverse. *Psyche*, 57(3), 262-274. Recuperado de <http://www.klett-cotta.de/zeitschrift/PSYCHE/7820>
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter, on the discursive limits of sex*. New York, USA: Routledge.
- Butler, J. (1999). *Gender trouble. feminism and subversion of identity*. New York, USA: Routledge.
- Butler, J. (2004). Longing for recognition. In J. Butler, *Undoing gender*. New York, USA: Routledge.
- Butler, J. (2008). Taking another's view: Ambivalent implications. In M. Jay (Ed.), *Reification: A new look at an old idea* (pp. 97-119). New York, USA: Oxford University Press.
- Freud, S. (1999). Drei abhandlung zur sexualtheorie. In S. Freud, *Gesammelte Schriften* (Vol. 5, pp. 7-119). Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1999). Trieb und triebchicksale. In S. Freud, *Gesammelte Schriften* (Vol. 10, pp. 210-232). Frankfurt am Main: Fischer. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, pp. 11-37). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2010a). O inquietante. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 248-283). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010b). Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 221-246). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 121-178). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2010). Um distúrbio de memória na acrópole: carta a Roani Rolland, 1936. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 18, pp. 254-286). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 166-181). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Habermas, J. (1992). *Faktizität und Geltung: Beiträge zur diskurstheorie des rechts und des demokratischen rechtsstaats*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Hegel, G. W. F. (2004). *Fenomenologia do espírito - parte I* (P. Meneses, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Honneth, A. (1989). *Kritik der macht. Reflexionsstufen einer kritischer gesellschaftstheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (1990). Kritische theorie. Vom zentrum zur peripherie einer denktradition. In A. Honneth, *Die zerrissene Welt des sozialen: Sozialphilosophische aufsätze* (pp. 9-24). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2003a). Die pointe der anerkennung. Eine entgegnung auf die entgegnung. In A. Honneth & N. Fraser, *Umverteilung oder anerkennung? Eine politisch-philosophische kontroverse* (pp. 271-305). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2003b). *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen grammatik sozialer konflikte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

- Honneth, A. (2003c). Objektbeziehungstheorie und postmoderne identität. Über das vermeintliche Veralten der Psychoanalyse. In A. Honneth, *Unsichtbarkeit: Stationen einer theorie der intersubjektivität* (pp. 138-161). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2007a). Aneignung von freiheit. Freuds konzeption der individuellen selbstbeziehung. In A. Honneth, *Pathologien der vernunft: Geschichte und gegenwart der kritischen theorie* (pp. 157-179). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2007b). Eine soziale Pathologie der Vernunft. Zur intellektuellen Erbschaft der Kritischen Theorie. In A. Honneth, *Pathologien der vernunft: geschichte und gegenwart der kritischen theorie* (pp. 28-56). Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2010a). Das ich im wir. anerkennung als triebkraft von gruppen. In A. Honneth, *das ich im wir* (pp. 261-279). Berlin: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2010b). Das werk der negativität. eine anerkennungstheoretische revision der psychoanalyse. In A. Honneth, *Das Ich im Wir* (pp. 251-260). Berlin: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2010c). Facetten des Vorsozialen Selbst. Eine erwidern auf joel whitebook. In A. Honneth, *Das ich im wir* (pp. 280-297). Berlin: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2010d). Social Critique between anthropology and reconstruction: an interview with Axel Honneth. Entrevista concedida a Odin Lysaker e Jonas Joabsen. *Norsk Filosofisk Tidsskrift*, 3, 162-174. Recuperado de https://www.academia.edu/2052560/Social_Critique_between_Anthropology_and_Reconstruction_An_Interview_with_Axel_Honneth.
- Honneth, A. (2010e). Von der begierde zur anerkennung: Hegels begründung von selbstbewußtsein. In A. Honneth, *Das Ich im Wir* (pp. 15-32). Berlin: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2011). *Das recht der freiheit: Grundriß einer demokratischen sittlichkeit*. Berlin: Suhrkamp.
- Honneth, A. (2013a). Love, society and agape: An interview with Axel Honneth [Entrevista concedida a Gennaro Iorio e Filipe Campello]. *European Journal of Social Theory*, 16(2), 246-258. Recuperado de https://www.academia.edu/3429515/Love_society_and_agape_An_interview_with_Axel_Honneth
- Kojève, A. (2002). *Introdução à leitura de Hegel* (E. S. Abreu, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Lacan, J. (2005). *Seminário. A angústia - Livro 10* (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Laplanche, Jean (1985). *Vida e morte em psicanálise* (C. P. B. Mourão & C. F. Santiago, trads.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Loewald, H. (2000c). On the therapeutic action of psychoanalysis. In H. Loewald, *The essential loewald: Collected papers and monographs* (pp. 221-256). Hagerstown, MD: University Publishing Group. (Trabalho publicado originalmente em 1960)
- Petherbridge, D. (2011). Introduction: Axel Honneth's project of critical theory. In D. Petherbridge (Ed.), *Axel Honneth: Critical essays with a reply by Axel Honneth* (pp. 1-30). Leiden: Brill.
- Safatle, V. (2007). A teoria das pulsões como ontologia negativa. *Discurso*, 36, 149-191. Recuperado de http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/publicacoes/Discurso/Artigos/D36/D36_A_teor%C3%ADa_das_puls%C3%B5es_como_ontologia_negativa.pdf
- Safatle, V. (2008). Sobre a gênese psicológica do transcendental: Adorno entre Freud e Kant. In V. Safatle & R. Manzi (Orgs.), *A Filosofia após Freud* (pp. 45-74). São Paulo, SP: Humanitas.
- Safatle, V. (2013). Abaixo de zero: psicanálise, política e o "deficit de negatividade" em Axel Honneth. *Discurso*, 43, 193-228. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/84727/87424>
- Whitebook, J. (2001). Mutual recognition and the work of the negative. In W. Rehg & J. Bohman (Eds.), *Pluralism and the pragmatic turn. The transformation of critical theory. Essays in honor of Thomas McCarthy* (pp. 257-293). Cambridge: MIT Press.
- Whitebook, J. (2003). Die grenzen des intersubjective turn. Eine erwidern auf Axel Honneth. *Psyche*, 57(3), 250-261. Recuperado de <http://www.klett-cotta.de/zeitschrift/PSYCHE/7820>.
- Whitebook, J. (2004). Hans loewald: A radical conservative. *International Journal of Psychoanalysis*, 85(1), 97-115. Recuperado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1516/8YFC-382H-2XKQ-XHQ3/abstract>
- Whitebook, J. (2008) First nature and second nature in Hegel and psychoanalysis. *constellations*, 15(3), 382-389 . Recuperado de https://www.academia.edu/4685811/First_Nature_and_Second_Nature_in_Hegel_and_Psychoanalysis.
- Winnicott, D. (1990). From dependence towards independence in the development of the individual. In D. Winnicott, *the maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development* (pp. 83-92). London: Karnac Books. (Trabalho publicado originalmente em 1963)

Recebido: 04/02/2015

Aceito: 24/03/2015